

A HISTÓRIA DA ARTE DE ARAÚJO PORTO-ALEGRE

Paula Ferrari

Mestranda PPGHIS-UFJF

Resumo

Gonzaga Duque Estrada, **A arte brasileira – 1888**, afirma ser Porto-alegre o primeiro a arrancar do esquecimento os únicos documentos existentes sobre a história da pintura brasileira, o primeiro a falar do músico Pe. José Maurício, e o primeiro a se ocupar da crítica das Belas Artes. Mesmo não partilhando dos mesmos valores estéticos e sua obra conter revisões e ampliações dos estudos de Porto-alegre, Gonzaga Duque não deixa de frisar a importância histórica dessa produção, seja pelo testemunho que legou, seja pelo ineditismo do tema e do método de trabalho no país. A história da arte de Araújo Porto-alegre pode ser pensada de três formas: como história dos artistas, como desenvolvimento das formas e como estética. A história dos artistas se aproxima mais da produção do IHGB e valoriza a biografia do artista. A história da estética é mais preocupada com pressupostos teóricos que estabeleçam elementos que conformam a arte, mais próxima da tendência da filosofia da história. O desenvolvimento das formas, ou história plástica foca o olhar propriamente no objeto de arte, partindo de uma *ekphrasis* passa a estabelecer a iconografia para, depois de compor o conjunto observado focar em elementos estratégicos, finalizando com a significação histórica através da iconologia. Sócio desde o primeiro ano do IHGB, contribuiu ativamente para Instituto como orador e escrevendo textos para a revista. A pluralidade de atividades que exerceu encontra um eixo de raciocínio na sua formação específica que trouxeram reflexões e indagações permanentes em seus textos. Sempre atento à Arte, inserido no debate do romantismo sobre a formação da nação, os manuscritos revelam o exercício de pensar a Arte e o Brasil perante as teorias de sua época.

Palavras chave: Araújo Porto-alegre, historiografia brasileira, história da arte

Abstract

Gonzaga Duque Estrada, the Brazilian art - 1888, claims to be the first Porto-alegre to start from oblivion the only existing documents on the history of Brazilian painting, the first to talk about the musician Father Jose Maurício, and the first to occupy the critical of Fine Arts. Even without sharing the same aesthetic values and her work include revisions and extensions of studies in Port-happy, Gonzaga Duque does not cease to stress the historic importance of this production, which is chosen by the witness, either by ineditismo of the subject and method of work in country. The history of art of Araújo Porto-

alegre can be thought of three ways: as a history of artists such as development of forms and aesthetics. The history of artists is even closer to production of IHGB and values the biography of the artist. The history of aesthetics is more concerned with theoretical assumptions establishing elements that make up the art, closer to the trend of philosophy in history. The development of forms, or look at the history plastic seal as the object of art, from a ekphrasis becomes to establish the iconography, having set up observed focus on the strategic elements, ending with the historical significance through iconological. Partner since the first year of IHGB, contributed actively to institute as a speaker and writing texts for the magazine. A number of activities that had been a line of reasoning in their specific training that they have thoughts and questions standing in their texts. Always attentive to the art, in the discussion of romanticism about the formation of the nation, the manuscripts reveal the exercise of thinking about art and Brazil before the theories of his time.

Key Words: Araújo Porto-alegre, Brazilian history, history of art

Encontramos nos manuscritos de Porto-alegre uma diferenciação em relação a outros gêneros de narrativa, que falam do passado, e um posicionamento entre as vertentes históricas existentes no século XIX, como a história política e a história sócio cultural,

Os factos officiaes não são a verdadeira historia, mas sim o envoltorio dos acontecimentos, a parte ostensiva, o resultado das luctas e locubraçoens; são como o bronze relativamente ao individuo. A forma e a vida é obra do esculptor; assim como o aspecto social é obra do historiador, porque d'elle nascem, as causas dos acontecimentos.[...]

Os chronistas mores foram retratistas lisongeiros de poucas personagens, e nunca pintores do povo; os frades so escreveram para si e para o seu bem estar; e os outros [riscado: historiadores], fallavam como quem [riscado: está sendo] sente o calor das fogueiras da inquisição de um lado, e ouve a [antemas] do desterro ou do exterminio do outro.¹

Primeiro temos um posicionamento de Porto-alegre frente as vertentes historiográficas de sua época e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. É claramente uma recusa da história política. Mesmo pertencendo ao grupo palaciano e terminando a vida como diplomata brasileiro, Porto-alegre sempre possuiu um olhar desabonador sobre a política.

1 Apontamentos sobre um livro a ser escrito sobre Portugal por Manoel de Araújo Porto-alegre... DL 653.30- Coleção Araújo Porto-alegre, Arquivo do IHGB

O jogo político criado por interesses pessoais - onde nem sempre nomes, ações e motivos são coerentes e transparentes, menos ainda sob a forma de registros - parece ser o local menos indicado para um estudo que deve trazer à tona a verdade, levando-o a uma descrença sobre o meio político, inclusive a sua história.²

No imenso formigueiro que move o Estado-Nação, entre chefe de Estado, legisladores e executores, parece muito claro para ele, que muito se oculta. Os nomes dos atores que não aparecem e, muitas vezes, contribuíram significativamente para a realização dos fatos, as intrigas que favorecem os parasitas, as mazelas e os verdadeiros louvores que são propositalmente esquecidos na documentação oficial, apontam para um falseamento das fontes, tornando-as menos confiáveis e dificultando ainda mais o trabalho do historiador. Trabalho este que ele já percebe como inconcluso, incompleto, pela impossibilidade de realmente se conhecer absolutamente o passado.

Os textos que abordam o período da pós-Independência, ao se aproximarem da história filosófica, por trás de uma crítica da razão, acabam revelando muito mais dos valores morais e políticos de Porto-alegre, transformando-se em um tribunal bastante pessoal.

A questão da manipulação da linguagem escrita nos traz uma discussão de raízes mais profundas. Da mesma forma que os antigos humanistas das primeiras Academias de Artes, Porto-alegre defende a

2 Devemos lembrar ao leitor que sua trajetória lhe confere uma experiência que revela a consciência dos limites do historiador para enfrentar certos dilemas, mas também a sua subjetividade neste posicionamento. Os próprios relatos dele e de Debret, para nos atermos somente ao cotidiano da Academia e a trajetória do mestre francês, são elucidativos sobre a questão. A exoneração do cargo de diretor, entre outros acontecimentos, foi fruto de um conflito entre Porto-alegre e o Marquês de Olinda que nomeou como professor de Pintura Histórica o professor substituto Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive, mesmo sem este ter o direito legal e ignorando a autoridade do diretor da Academia: *“Há vinte anos cessou a dualidade de substituto criada pela fundação da Academia, em 1826 e sustentada na reorganização de 1831. Porque em agosto de 1837 se procedeu a dois concursos para os lugares separados de Pintura Histórica e Desenho (...) Por outro lado a questão é claríssima: Joaquim Lopes não pertence à cadeira de Pintura Histórica; e pelo lado das habilitações muito menos porque V. Exc. eleva às alturas do pintor histórico, e à do fundador de uma nova escola nacional, é um homem quase analfabeto (...) é um cenógrafo que pode ser reprovado em perspectiva e teoria das sombras por qualquer aluno do segundo ano.”* Porto-alegre ao Marquês de Olinda *apud* Cybele Vidal Neto Fernandes. **Os caminhos da arte: ensino artístico na Academia Imperial das Belas Artes - 1855**, Tese de Doutorado em história social, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais Programa de Pós-Graduação em História Social, 2001, p. 109.

superioridade do desenho como linguagem. Para os humanistas do século XV, os monumentos revelavam o passado de modo mais seguro, pelos seus testemunhos involuntários e pelo conjunto da produção da civilização material. Essa produção material não teria como mentir sobre a sua época, como também traria informações originais sobre usos e costumes que não foram relatados pelos escritores.³

A inscrição cuneiforme, a palavra do papyro, o sybolo (*sic*) do hieroglifo, a voz d'essa sciencia exoterica, que guarda tantos e tão mysteriosos pensamentos, nunca poderia tornar-se intelligente ao homem de hoje e sem o desenho; porque entre este homem e o sacerdote antigo se interpõe aquelle terrivel Sudario do tempo, que obscurece as maiores verdades e empana a lus da primitiva; ha uma especie de prisma que decompõe a tradiçãõ e translus toda sorte de enganos através dos tempos; pelo contrario o templo, o arco triumphal, o amphitheatro, e a naumachia, a pyramide, o cippo, e todas as memorias monumentaes levantadas á divindade, ao homem ou aos fastos nacionaes, são conservadas e transportadas por esta terceira forma do pensamento, sem commentarios, hypotheses, conjecturas, ou o socorro de algum systema engenhoso, que mais abrilhanta a sagacidade do seu inventor do que esclarece a verdade.⁴

Essa ligação entre monumentos e cotidiano, como estilo de época e expressão de uma sociedade, revela a discussão presente nas Exposições do século XIX, e a ligação tão defendida por Porto-alegre entre arte e indústria nos artigos e na Reforma Pedreira. Também antecipa outros tipos de fontes para o estudo histórico como o vestuário e objetos do cotidiano.

[...] A historia de uma nação está toda inteira na história dos seus vestuarios; porque delles se colhe o contacto que houvera com os povos de que importára os tecidos, e de quem imitára o traje; assim como o do seu estado de volubilidade pela rapidez de mudanças de modas successivas. Olhe-se de sangue frio para todas as modas que houverão em França nestes últimos

3 Sobre antiquários e seus estudos sobre monumentos ver Françoise Choay, *A alegoria do patrimônio*, p. 62-67. Também sobre essa tradição de pesquisa ver Arnaldo Momigliano, “O surgimento da pesquisa antiquária” In *As raízes elásticas da historiografia moderna*. Sobre a influência dessa raiz na história da arte ver Germain Bazin, *História da história da arte, de Vasari a nossos dias*.

4 Discurso pronunciado em sessão Solene de 2 de junho de 1855 na Academia das Bellas Artes pelo Sr. Comd^{or}. Manoel de Araújo Porto Alegre por ocasião do estabelecimento das aulas de mathematicas, estheticas, etc, etc. DL 653.21, Coleção Araújo Porto-alegre, Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

sessenta annos, comparem-se com a sua historia, e vêr-se-ha que ella vai de accordo com todas essas mudanças de constituições politicas e de dynastias, que tem havido n'aquelle grande paiz, que parece destinado a ser o estomago do mundo intellectual.

A par de toda esta mobilidade, de todo este antagonismo social, compare-se todos os objectos de sua industria, e vêr-se-ha que elles vão de par com suas idéas, e que até acompanhão as revoluções com uma precizão de fidelidade, que espanta.⁵

Por outro lado, o estudo e contemplação desses monumentos, também serviam para despertar horizontes mais amplos, não o progresso certo dentro de um programa teleológico, mas a experiência concreta do passado dos vãos que o homem pode alcançar.

Excluída a história política, o que não quer dizer história pátria, vimos que Porto-alegre compara o exercício do escultor e do historiador. Sua proposta, por um lado, nos recorda Vico⁶, que procura transmitir a própria vida, suas cores e formas, na escrita da história. Essa leitura pode ter sido feita via Michelet⁷, que provavelmente Porto-alegre conheceu no Instituto Histórico de Paris. Ao procurar as causas do acontecimento, o historiador deve procurar dar vida e forma aos aspectos sociais em sua obra. Igualmente a proposta de

5 Revista Guanabara, p. 110. DL 654.6; Coleção Araújo Porto-alegre, Arquivo do IHGB.

6 Giambattista Vico nasceu em Nápoles em 1668, faleceu em 1744. Dedicou-se ao estudo da história e do direito romanos e da filosofia grega. Sua principal obra é *Scienza Nuova* (1725), revista e publicada em 1730, e depois em 1744, que traçou uma linha distintiva entre a investigação e conhecimento histórico e as ciências da natureza; cf. Patrick Gardiner. “Vico” in *Teorias da História*, p. 11-27. Ver também Isaiah Berlin. **Vico e Herder.**

7 Segundo Isaiah Berlin, em **Vico e Herder**, “[...] o trabalho de Vico, a não ser entre os acadêmicos de sua cidade natal, passou sem ser percebido, até que o mais infatigável dos transmissores de idéias, Victor Cousin, o submeteu à atenção de Jules Michelet. O efeito que esse trabalho exerceu no grande historiador francês foi imediato e transformador, sendo ele o primeiro a difundir a fama de Vico por toda a Europa. [...]”, p.10. É provável que Porto-alegre tenha conhecido Jules Michelet ao frequentar o Instituto de Paris, assim como as idéias de Victor Cousin no mesmo período. Sendo um momento que a obra de Vico está começando a ser redescoberta, como afirma Berlin, é possível supor que Araújo Porto-alegre tenha tomado conhecimento dessa obra por esse ambiente parisiense. Arno Wehling, em “O historicismo e as origens do Instituto Histórico”, aponta a existência de sócios correspondentes de instituições congêneres ao IHGB em Nápoles, p.152, embora não saibamos qual era a intensidade desse diálogo, é uma outra possibilidade de contato com a obra de Vico.

Vico para distinguir o mundo da natureza e da humanidade, de que aqueles que fazem ou criam alguma coisa podem entendê-la por esta lhes ser inteligível - ao contrário do observador externo - possuindo pela experiência do fazer a chave do significado de sua linguagem. Argumento que foi utilizado várias vezes por Porto-alegre, tornando compreensível a escolha de seus objetos de estudo, indo além da explicação de suas preferências sendo restritas apenas pelo ambiente do IHGB, ou seja, poderia ser uma opção pessoal: ou ele se aventurou nos temas de sua especialidade, ou no período que presenciou da Independência.

Segundo Berlin, Vico possibilita uma nova forma de compreensão estética, em que

[...] as obras de arte devem ser entendidas, interpretadas e avaliadas, não em termos de padrões e princípios eternos, válidos para todos os homens em qualquer parte, mas através da compreensão adequada do propósito e, conseqüentemente, do uso peculiar dos símbolos (especialmente da linguagem) exclusivamente pertencentes ao seu próprio estágio de desenvolvimento social; como também se deduz que unicamente isso pode desvendar os mistérios de culturas completamente diferentes da nossa, até agora ignoradas, seja por considerá-las barbaramente confusas, ou como excessivamente remotas e exóticas para merecerem uma séria atenção. [...]⁸

Esta possibilidade de abordagem do objeto de arte fornece uma outra chave de compreensão para o pioneirismo da sua abordagem da arte no Brasil, como a inclusão dos artistas coloniais, mesmo escravos, e do estudo da arte barroca. O seu estudo de numismática, entre outros, faz uso desse raciocínio - estágio de desenvolvimento social concatenado ao uso simbólico:

Comparemos esta meia-dobla com uma das cunhadas na minoridade, na época da incertesa, do egoísmo e do exaltamento da política individual, e veremos a legenda da cruz deslocada do seu lugar significativo para o limbo da medalha, onde já significa que a victoria não é mais da cruz, mas sim do metal, e vereis com a historia na mão que esta mudança exprime o pensamento de uma época de recriminações internas, de indiferença para tudo o que não é materialmente pessoal. E o que foram as artes na Minoridade? Tradições de tradições.

Comparemos estas moedas com as que fazem actualmente, e acharemos um progresso da arte, que vai de par com a industria e com o espirito latente da nossa época.

8 Isaiah Berlin, **Vico e Herder**, p.9-10.

Mas, a inscrição ainda não significa o que ella intenta; está como uma reminiscencia, está cortada como uma época que se modifica, e começa a mutilar as crenças do passado, sua fôrma, e o seu dominio. (grifos meus)

Aos que objectarem que estas observações não são significativas, e disserem que tudo desapareceria se o Governo chamasse um habil Gravador, responderemos: e porque não o fes, porque não reconheceu estes defeitos?

Porque não tinha consciencia delles, porque taes factos fôram a expressão da sua rasão e do seu consêlho. Quando um governo chama os homens habeis para exprimir suas idéas, o paiz está em progresso, a rasão publica em um plano superior, e as idéas generosas por sobre o campo do egoismo.⁹

Se, por um lado, esse exercício, tanto do escultor quanto do historiador, nasce do uso da razão, um através do desenho, outro através da análise; Wilhelm Humboldt¹⁰ nos lembra o quanto artista e historiador também se assemelham pelo uso da imaginação poética, embora a imaginação do primeiro seja livre e a do historiador se atenha a preencher a parte invisível dos fatos, subordinando a fantasia à experiência e investigação.

Embora não haja nada que indique o conhecimento de Porto-alegre sobre Wilhelm ou seus textos, apenas existindo um pequeno ponto de contato através do naturalista Alexander von Humboldt, W. Humboldt nos ajuda a compreender o caminho que Porto-alegre busca para as suas pesquisas e a forma de externá-las. Em *A tarefa do historiador*, uma preleção de 1821, ele afirma que, para aproximar-se da verdade histórica, é preciso percorrer simultaneamente dois caminhos: a fundamentação crítica, exata e imparcial dos acontecimentos e, em um segundo momento, devem ser articulados os resultados da pesquisa e intuído o que não foi obtido pelo primeiro meio. Esse segundo caminho seria o revelador de um caráter interior que se expressa no sopro vital, conferindo uma compreensão da humanidade e suas ações, despertando dessa forma um sentido para realidade. O ofício do historiador deve despertar e fazer reviver este sentido para realidade, pois ele é o motor da história

9 Discurso pronunciado em sessão Solene de 2 de junho de 1855 na Academia das Bellas Artes pelo Sr. Comd^{or}. Manoel de Araújo Porto Alegre por ocasião do estabelecimento das aulas de mathematicas, estheticas, etc, etc. DL 653.21, Coleção Araújo Porto-alegre, Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

10 HUMBOLDT, Wilhelm Von. “Sobre a tarefa do Historiador” in *Revista Anima: História, teoria e cultura: Modernidade e Nação, ano 1, n° 2*, Tradução e notas de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio/Casa da Imagem, 2001. p. 79-89.

[...] e nele se encontram o sentimento de transitoriedade da existência no tempo e ainda a dependência em relação às causas passadas e simultâneas; a tais sentimentos se contrapõe a consciência da liberdade espiritual interna e o conhecimento racional de que a realidade, a despeito de sua aparência contingente, articula-se por uma necessidade essencial.¹¹

Ao trabalhar sobre as ruínas dos Jerônimos, desvelando em cada pedra a transitoriedade das coisas humanas, mas costurando a imensa rede de ações, objetos, lugares, atividades, que se iniciaram com a conquista dos mares, compreende-se através desta chave, que W. Humboldt nos oferece, a forma como Porto-alegre organiza sua escrita atribuindo um significado para os elementos aparentemente dispersos, unindo-os. Mas também recorda a proposta de Panofsky, muitos anos depois, para abordar a obra de arte através da historicização do seu significado.

O aspecto social que Porto-alegre propõe é quase uma história totalizante. É composta de uma teia de fatores que devem ser inter-relacionados e aferidos no desenvolvimento temporal. Há uma preocupação também com correlações comparativas com fatores do mesmo gênero.

Esse exercício de comparação deve ser interpretado em suas nuances: como inserção do objeto dentro da História Universal ou simplesmente da História do mundo, uma vez que ele não utiliza este conceito; como conhecimento do exercício de naturalistas e antiquários; uma procura de sanar lacunas, através de analogias, que seu objeto não lhe permite desvendar; como artifício retórico para tornar o objeto familiar ao leitor, assim como também, em alguns momentos, serve de enunciação para lhe conferir autoridade de especialista e erudito sobre o assunto¹². Ainda, é um exercício de articulação entre o particular e o geral, buscando tornar visíveis as causas dos fatos, assim como a construção de uma significação para o momento histórico.

Os aspectos sociais tais como eles se apresentam, são dispersos e aparentemente caóticos, sem relação entre si, mesmo no presente. No passado, finada a marcha do acontecimento, muitos desses elementos acabam na obscuridade eterna, não importando o esforço do historiador para trazê-los à tona. Ainda assim, cabe ao historiador dar lhes forma e vida em sua obra, da

11 *Ibidem*, p. 79-89.

12 Ao discutir sobre os traços de sua trajetória e formação, apontamos essa característica pessoal de Porto-alegre, que chamamos de sentimento de pertencimento à tradição européia, nesta pesquisa entendida como uma cultura letrada e civilizada, e portanto como uma autoridade capaz de produzir conhecimento.

maneira mais verdadeira e completa possível. Deve para isso estudar os aspectos físicos e morais que compõe as causas do acontecimento.

Os fatores físicos compreendem todo o universo material: geografia, indústria, acidentes climáticos, recursos naturais, legado material, enfim o cenário e as condições materiais que limitam ou estimulam, sem os quais não é possível o desenrolar dos fatos, mas também são os frutos diretos da condição humana.

O aspecto moral dessa condição se conforma dentro da cultura, como usos e costumes, leis e religião, organização política, língua, manifestações artísticas, etc., são aspectos que compõe a parte mediada indiretamente, impalpáveis, imateriais, mas que determinam diretamente o uso da razão em busca do Bem, da Verdade, e conforme o seu grau de desenvolvimento dentro de uma sociedade pode gerar um baixo nível de aproveitamento de suas condições materiais. Pressupõe que a Arte e literatura sejam os objetos por excelência para aferir estes aspectos morais dentro de um período:

Ora, nós temos balisas infalíveis para o pleno conhecimento do estado de um povo em qualquer época que seja, logo que soubermos do estado de um dos seus elementos de civilização: não ha industria sem commercio, não ha philosophia sem ciencias, e não ha bellas artes sem litteratura: este ultimo elemento é sempre o mais fiel representante das idéas do tempo; é por assim dizer o daguerreotypo que apanha as feições da época, e as transmite a posteridade.¹³

Araújo Porto-alegre foi, portanto, fruto de seu tempo, o seu exercício de historiador revela-se um diálogo constante e crítico com questões do seu presente, mas também com sua formação de pintor histórico e as correntes historiográficas do XIX. Enquanto outros pares do IHGB buscaram provas para seus textos nos vestígios materiais, ele trouxe de outras tradições, como a arqueologia e a antiqúaria, uma nova forma de trabalhar com o passado, transformando esses objetos em fonte, sem dúvida, imprescindível para o campo da história da arte.

13 Revista Guanabara, p. 110. Cópia DL 654.6, Coleção Araújo Porto-alegre, Arquivo do IHGB.